

RESENHA

HARPER, Babette; CECCON, Claudius; OLIVEIRA, Miguel Darcy de; OLIVEIRA, Rosisca Darcy de. **Cuidado, Escola!** Desigualdade, domesticação e algumas saídas. 22. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

Márcio José Celeri

Doutor em Geografia pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP/Rio Claro. Professor do Departamento de Geociências da Universidade Federal do Maranhão – UFMA. marcio.celeri@ufma.br



O livro representa de forma ilustrativa e crítica os dilemas da escola básica no Brasil. Expõem problemas enfrentados pelos alunos, pais e professores nos mais diversos eixos que envolvem o mundo escolar.

Na apresentação o educador Paulo Freire destaca que a escola é um espaço social de educação formal, subsistema de um sistema maior, alavanca de transformações sociais, porém se encontra em crise, desgarrada do contexto histórico, social, econômico e político da sociedade concreta. O livro é apresentado

na década de 1980, contextualizando a realidade de escolas europeias e a brasileira que muito se assemelha com a realidade atual. O enredo desenvolve-se sob o diálogo de dois professores que questionam como a escola chegou a tal situação:

- Professores satisfeitos e outros preocupados que questionam seu trabalho sentem-se julgados e acusam; pais desanimados e impacientes, que estão fartos do desinteresse, rebeldia e fracasso dos filhos; e alunos impedidos de desenvolver suas habilidades, desvendar suas curiosidades e interesses (p. 6).

A escola apresenta-se isolada, salas fechadas entre quatro paredes, enquanto a vida e a sociedade se transformam do lado de fora. Os autores expõem dados sobre a escolarização de países europeus da década de 1960 e 1970, onde a escolarização era baixa, realmente para o sistema funcionar nesta época a situação era difícil, a democratização do ensino não atingia a todos, com os dados do Brasil a situação apresentava-se ainda pior, muitos nem tinham possibilidade de acesso (moradores de áreas rurais e a população

principalmente dos estados do Nordeste) e os que conseguiram frequentar ainda passam por um afunilamento entre reprovações.

Os questionamentos prosseguem... A sociedade poderia seguir sem esse sistema de ensino mesmo que com déficits? Nossas sociedades ancestrais já demonstraram que isso foi possível, sem os ditos professores. Os conhecimentos, práticas e saberes (caçar, pescar, plantar, pratos típicos, danças, artesanato, remédios, rituais) eram transmitidos às crianças e jovens pela prática, pela experiência própria e vendo os outros, de pais para filhos, de geração para geração.

A partir da Idade Média, com a subdivisão entre nobres e servos, foi criada a educação para elite, que seguia preceitos religiosos e era isolada, sem relação com a vida, visava à formação dos grandes senhores, enquanto os demais membros aprendiam nas práticas do dia a dia.

Com o desenvolvimento da sociedade ocorreu a revolução tecnológica, emergindo novas classes sociais, a escola ainda era reservada à elite, porém pela exigência econômica de quadros técnicos e científicos a escola é obrigada a reformular-se. Criou-se a escola dos pobres, onde os filhos dos operários recebiam um mínimo de cultura, para que se integrassem na sociedade industrial.

As lutas pela democratização da escola ainda geram dúvidas quanto a sua objetivação. O ensino gratuito e obrigatório seria um serviço público para a emancipação de classes menos favorecidas. Os alunos com melhores notas se sobressaem independente da origem social. Porém o que foi constatado na realidade da época, a partir dos dados explanados, foi que as desigualdades persistem fortemente por reprovações e atrasos, classificações e a evasão. Desta forma, ainda não há condições de igualdade, oportunidades e êxito dentre as classes, pois a escola reproduz a divisão da sociedade em categorias, seguindo o status da “família” (tal pai, tal filho: executivo x operário) através de mecanismos secretos.

A escola segue como um mundo à parte, não sendo um espaço da liberdade, contradizendo a busca pelo conhecimento, onde as crianças tomam lições totalitárias, aprendendo pela submissão, domesticadas sob o silêncio e a imobilidade, testando habilidades por provas, conhecimentos e tempo iguais. Onde a relação entre professores e alunos acontece por uma comunicação artificial, desligada da realidade, sem significação e utilidade imediata para o aluno. Os saberes são compartimentados e hierarquizados. Segue cheia de obstáculos, gerando um ciclo de tensão, fracasso, más notas, desinteresse dos professores, perda de confiança e interesse e impotência dos pais, etc.

Ao se questionar sobre quem são os professores, pensa-se em sua real função: autoridade, seguir programas e regras, colegas, ser controladores ou influenciadores? O livro retrata uma experiência elaborada por Robert Rosenthal na qual os professores trabalhavam com os alunos uma experiência para treinar ratinhos. Os alunos seguiram o procedimento, porém o poder de influência do professor foi crucial no desenvolvimento da atividade, na qual a influência do mesmo para mal ou para bem designou nos resultados do estudo.

Os autores expõem que a escola não leva em conta as diferenças, sendo que no contexto nacional no qual estamos inseridos vemos que a INCLUSÃO é uma forma de inserção social diferenciada. No ensino com alunos portadores de deficiência, as pedagogas juntamente com os professores de disciplinas, elaboram atividades em que as potencialidades dos indivíduos são trabalhadas e melhor desenvolvidas e, quando estas não dão certo, a partir dos resultados obtidos repensam outras maneiras de trabalhar com cada aluno, respeitando suas limitações. O que os autores apresentam condiz com o meio social dos indivíduos, que moldam seus valores e personalidades, onde uns acabam se sobressaindo sobre os outros, pelo poder de acesso à cultura, prejudicando e marginalizando muitos, que pelas más condições acabam abandonando a escola. Pela ascensão social que o Brasil passou nos últimos anos este quadro mudou muito.

Os anseios da sociedade e as normas da escola andam juntos. Na escola transmite-se a competição, o que não difere do sistema de mercado de trabalho que assim exige o profissional mais qualificado. Esta traz enlacrada no seu sistema o sentido de inferioridade, no qual o que não se dedicou é menosprezado sem observar sua realidade, visto também na sociedade real, o preconceito existe explicitamente sob pessoas mal arrançadas, como se fossem incapazes de trabalhar para conseguir melhorar sua condição, porém as possibilidades não são vistas. A escola basicamente tem o papel de preparação das novas gerações para a vida adulta, vindo a inculcar nos alunos projeções preexistentes na sociedade.

A escola fabrica pessoas para ser um bem de consumo, os que passam por ela poderão vender sua força de trabalho um pouco mais caro. Formam assim o capital humano, não se preocupando com o ensino exclusivamente para a cultura, mas para atender ao mercado.

A escola já não é mais a mesma, as coisas evoluem. Antigamente o respeito entre pais e filhos era diferente, o que influenciava no desempenho dos alunos. A maioria dos pais colocavam os filhos para trabalhar, deixando a escola em segundo plano. Até mesmo a

adolescência foi algo estendido pela sociedade moderna e, a população que se enquadra nessa faixa etária, que vai dos 12 a 21 anos, fica fora do mercado de trabalho para se dedicar aos estudos.

A escola tinha um sistema extremamente repressor, com métodos que traumatizavam os alunos (palmatória, ajoelhar em grãos de milho, reguadas, puxões de orelha, etc.). O pequeno grupo que frequentava a escola era considerado privilegiado, embora as condições de ensino não fossem as melhores. Não se tinha tanta motivação para estudar como hoje. O conhecimento era recebido, memorizado, repetido e arquivado. Não era descoberto, testado e recriado tendo a ver com experiências e interesses dos alunos. Hoje em dia ainda vemos estes problemas estigmatizados desta educação domesticadora, porém, através de novas correntes da pedagogia, temos dinâmicas alternativas para desenvolver a criatividade, criticidade e autonomia do aluno. As reformas e inovações não são necessárias só nas fachadas da escola.

Algumas saídas apontadas no decorrer do livro são:

- Atividades dos alunos para que construam a partir de seu desenvolvimento intelectual, adaptar hábitos e costumes, preceitos da Escola Nova, ativa (Montessori, Freinet e Decroly); concepção pedagógica a partir do desenvolvimento da criança pela evolução sócio afetiva;
- Psicanálise e psicoterapia, resolver conflitos, insegurança, incerteza na correlação professor aluno;
- Vida de grupo e solidariedade consciente, desenvolver a sociedade, organizar novos horários, contradiz o sistema imposto;
- Pedagogia Institucional quebrar normas, proibições, criar próprias regras – turmas marginais;

Estas correntes pedagógicas são mais criativas, participativas e democráticas, para transformar a relação professor aluno nas ações educativas. Porém enquanto a sociedade ainda for centralizada, hierarquizada e especializada, bloqueará as brechas, espaços de liberdade e possibilidades no Sistema de Ensino. Estas negam o modo de organização dominante, da escola seletiva e elitista. É preciso entender que as raízes destes problemas também estão fora da escola.

Para os autores, o ensino de disciplinas deve ter um paralelo que pode ser feito a partir destas novas formas de ensinar, é a contribuição para a criticidade do aluno, em que o professor pode utilizar recursos como músicas, charges, tirinhas, trabalhos de campo (tanto nos aspectos físicos, quanto humanos e socioambientais); o aluno se interage com a

realidade e a relaciona à teoria. Pelo avanço tecnológico, o uso das mídias audiovisuais na escola facilita e torna mais prazerosa a aula e o desenvolvimento dos conteúdos, sendo construídos e demonstrados de forma mais elaborada e de fácil apreensão pelos alunos.

A OCED (The Office of Community & Economic Development) define que uma educação de qualidade é aquela que garanta aos jovens a aquisição de conhecimentos/saberes, capacidades, competências, habilidades e atitudes necessárias para aplicar na vida adulta. A escola a meu ver tem de estar ligada à realidade regional na qual o indivíduo faz parte, valorizar sua cultura, os saberes que traz, interligar os conhecimentos com outras culturas e áreas do conhecimento, de maneira sistêmica, como propõe Edgar Morin. O sistema escolar ainda está defasado, apesar de notáveis mudanças, a escola ainda permanece isolada, com muros altíssimos, com regra de conduta de séculos passados (carteiras enfileiradas).

Os autores destacam que para mudar isso não precisa chegar à anarquia, destruir tudo que existe no sistema de ensino. Há ideais desde o século XVII, a Didática Magna de Comenius (1649), por exemplo, que propunha um método para ensinar tudo a todos de forma prazerosa, de forma sólida, não superficial, porém que recebeu críticas também. Ademais, se desenvolvida desde este período, talvez grandes problemas não fossem existir. Assim como o sistema da academia de Platão 380 a.C, que usava a dialética em um local aberto e sem pretensões repressoras e de domínio. Dewey aposta na escola democrática e na liberdade; Freinet fez críticas idealistas e artificiosas da escola ativa. Piaget questionou a tradição empirista e inatista; Neill critica o autoritarismo educativo; Milani, a escola burguesa e mercantilista; e Paulo Freire, a educação bancária, o neoliberalismo e a opressão; Stenhouse orienta suas críticas à pedagogia tecnocrata e ao discurso de teor empresarial impregnado na escola. Desta forma, a visão destes autores e muitos outros colaboram para repensar o que está sendo “vivido” na escola, refletido na sociedade e está contribuindo para a formação.

A leitura do livro pode expandir a visão crítica da escola de diferentes pontos de vista, dos pais, alunos e professores. Enquanto a escola abafar a imaginação, isolar pessoas, impedir a criatividade, onde o aluno é passivo, impedido de refletir e transformar sua realidade, não será possível um desenvolvimento da sociedade em geral, cuja regra capitalista determina quem é o indivíduo, onde este continuará a viver numa liberdade condicionada. As discussões acerca do sistema escolar não irão acabar, por ser um ambiente heterogêneo com especificidades locais, onde deve reinar a igualdade para todos.

REFERÊNCIAS

HARPER, Babette; CECCON, Claudius; OLIVEIRA, Miguel Darcy de; OLIVEIRA, Rosisca Darcy de. **Cuidado, Escola!** Desigualdade, domesticação e algumas saídas. 22. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

Recebido para avaliação em 21/05/2017

Aceito para publicação em 13/08/2017